

ANÁLISE DE ALGUNS EPISÓDIOS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA ¹

Maria José Landivar de Figueiredo BARBOSA

RESUMO *Partindo do pressuposto de que a pesquisa de como se desenvolve a linguagem escrita em crianças, mais precisamente na fase inicial, foi e continua sendo motivo de inúmeras indagações, buscamos adentrar no universo do processo da aquisição da escrita, com o propósito de encontrar esclarecimento para alguns fatos observados no percurso desse processo, que vêm, há muito, inquietando-nos como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental.*

Para fixarmos o “corpus”, fomos buscar, entre os documentos recolhidos e guardados desde a infância da D, minha filha, atividades produzidas na escola, em fase de alfabetização, e algumas produções anteriores ao ingresso escolar, perfazendo um total de vinte atividades.

O ponto de partida teórico é o aparato descritivo de Emília Ferreiro em sua produção individual e/ou em colaboração. No decorrer das análises buscamos verificar a adequação de suas postulações até o ponto em que se mostra possível. Em alguns momentos verificamos que uma interpretação distanciada deste ponto de vista pode se mostrar mais rica e abrangente.

Com a realização deste trabalho pretendemos contribuir para romper alguns limites impostos pela instituição escolar, esclarecer muitas idéias equivocadas a respeito da aquisição da escrita e ainda desvendar algumas particularidades desse processo, pelo menos até onde alcançam os nossos dados.

ABSTRACT *Researches on how children acquire written language in initial ages have always been posing questions. This dissertation aims at focusing some of these annoying facts which I have been facing with as a teacher in Elementary School Grades (séries iniciais do Ensino Fundamental).*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 25 de agosto de 2000, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosa Attié Figueira.

The corpora include twenty activities my daughter D. used to do and/or was assigned to do in early school days that were kept as documents since her childhood.

The descriptive apparatus applied in this research was drawn from E. Ferreiro and co-authors. However, during the process of analysis some other postulates were used because they seemed to allow a richer and wider interpretation of the data.

The information gathered in this research brings relevant contributions for the study of written language acquisition in early ages which deals with the limits imposed by the educational institutions; and the misconceptions of what it is and what is involved in the written language acquisition process.

A análise de alguns episódios na escrita de uma criança em fase de alfabetização nos levou a refletir sobre o processo da aquisição da escrita.

Nesse percurso de reflexão, apresentamos, a princípio, as propostas teóricas sobre a concepção da escrita no processo de aquisição, em que abordamos especificamente duas linhas teóricas: inicialmente trazemos resenhados três trabalhos de Emília Ferreiro, dois deles em colaboração – *Psicogênese da língua escrita* – com Ana Teberosky; *Análises de Las Perturbaciones en el Proceso de Aprendizaje de la Lecto-escritura* – com Gomes Palacio e colaboradores – e um individual - *A escrita... antes das letras*; e posteriormente trazemos o trabalho de Zelma Regina Bosco - *No jogo dos significantes, a infância da letra*. Trata-se de linhas teóricas diferentes que buscam refletir sobre alguns aspectos significativos para a constituição da escrita infantil.

Nesse contexto apresentamos, por um lado, como Emília Ferreiro e colaboradores explicam, como a criança constrói diferentes hipóteses acerca do sistema de escrita. Por outro lado, apresentamos o trabalho de Bosco, que, alinhada à perspectiva interacionista desenvolvida nos trabalhos de Lemos, Pereira de Castro e Mota, tomando distância de Ferreiro, aponta para um possível entrecruzamento entre os traços do desenho e da letra. Sendo assim, Bosco opõe-se a uma separação ou um rompimento necessário e definitivo entre desenho e letra.

Na seqüência do trabalho, apresentamos a análise dos dados. Nesse momento, procuramos apresentar alguns episódios no processo de aquisição de escrita por D.

Neste percurso tomamos como ponto de partida a possibilidade de verificar a aplicabilidade do instrumental descritivo de Emília Ferreiro (individual e/ou em colaboração) até o ponto em que ele se mostre adequado. Quando este instrumental se mostra insuficiente, procuramos nos acerrar da contribuição de Bosco e de relevantes contribuições de outros autores da área da Psicologia, da Psicolinguística e da Lingüística.

As reflexões e os questionamentos levantados a partir dos dados abordam três questões relacionadas à aquisição da escrita: a escrita a partir das garatujas, o “jogar

com as letras do próprio nome”, e a relação entre letra e desenho na escrita do nome da criança.

Quanto à escrita, tivemos a oportunidade de constatar que, da mesma forma que uma criança interpreta os mais diversos tipos de textos dispostos no meio em que vive, é possível uma atribuição de sentidos às suas próprias garatujas. Foi possível constatar isso a partir da atividade ϕ . Esta atividade é uma produção de D quando tinha aproximadamente 4 anos, expressa em garatuja, que foi realizada antes do ingresso na escola (infelizmente não-documentada, mas que faz parte da história conhecida do sujeito de nossa pesquisa).

Ao produzir alguns rabiscos num pedaço de papel, D os entrega à mãe, pedindo que ela os lesse. Mas a mãe, receosa de não corresponder às expectativas da criança, disse-lhe que não estava enxergando bem e que seria melhor que ela própria lesse o texto que produziu. D aceitou naturalmente a idéia e leu as garatujas atribuindo-lhes o seguinte sentido:

“Querida mamãe
eu te amo mamãe
eu gosto muito de você
você é linda mamãe
um beijo
Débora”

Embora indagando a respeito da “leitura” enunciada por D, gostaríamos de ressaltar que esta é uma dissertação que busca tratar da escrita. É claro que a escrita tem a ver com a leitura, mas a sua abordagem requer um aprofundamento muito maior do que o que foi feito na dissertação. O material colecionado não é para aprofundar essa questão. A leitura só foi abordada porque este episódio toca esta questão diretamente. O grosso do material de D proporcionava uma discussão maior da escrita, como seus episódios iniciais, sua relação com o desenho.

Considerando as garatujas, pudemos analisar e refletir a respeito da construção específica da escrita, tomando este material como o princípio desse processo. É o que está refletido na atividade por nós identificada como atividade 01. Muitos professores ignoram este material como um fato importante da trajetória da criança.

Esta atividade foi realizada antes do ingresso escolar. Foi solicitado à criança que escrevesse algumas palavras e no final uma frase, todas ditadas pela pesquisadora.

Este dado suscita uma importante questão: a criança simboliza no papel a realidade extralingüística ou a realidade lingüística?

Se o sujeito D levou em consideração a palavra maior ou menor, simbolizou no papel a realidade lingüística, se levou em consideração o animal, a entidade do mundo, o referente, simbolizou a realidade extralingüística.

Nesta altura convém lembrar a noção de signo lingüístico, que nos remete a Saussure. Um signo é a associação de um significante (uma imagem acústica) a um

significado (um conceito). Para a criança a imagem acústica é a palavra, cuja realidade está em jogo no momento da representação (não ainda em letras), mas em sinais que a evidenciam, em tamanho maior ou menor.

Tudo o que a observação dos grafismos da atividade 01 nos leva a dizer é que, neste caso, não dá para relacioná-los pura e simplesmente com o referente: porque, em última análise, o que se tem já é um problema interno da própria linguagem.

Se compararmos a grafia para *rã* e *cobra*, poderíamos pensar que a criança está simbolizando no papel a realidade extralingüística. De fato, a escrita de cobra é consideravelmente maior do que a de rã, sendo o primeiro um animal maior do que o segundo. Mas será que isto se repete para outros pares? Comparemos os últimos grafismos: o que é grafado para rã e o que é grafado para tatu não diferem em tamanho, embora na realidade extralingüística os seres representados tenham diferentes proporções. Se o que estivesse em jogo fosse exclusivamente a realidade extralingüística, deveríamos esperar uma produção gráfica mais extensa do que a outra.

Dessa forma é possível pensar que, se o tamanho da eventual palavra, isto é, o suposto nome do animal, de uma forma geral não tem correspondência com o extralingüístico, ou seja, não mimetiza o tamanho do animal, isto se dá porque o extralingüístico já ficou de fora. Desde que isso esteja rompido significa que a questão da escrita é por ela mesma, é uma questão independente do referente. Dessa forma podemos dizer que a escrita de D para o nome dos animais não parece revelar motivação pelo extralingüístico. Parafraseando Saussure, poderíamos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

Dessa forma, a criança está na construção específica do que é próprio da linguagem e da escrita.

Se o conjunto não garante a hipótese referencial, é fundamental pensarmos que tal ocorrência mostra um corte com o extralingüístico e que a escrita está sendo jogada para dentro da linguagem. Ao cortar a relação com o referente, D está construindo um sistema interno de escrita que independe da realidade.

D, no decurso desta atividade, durante a escrita, procedeu espontaneamente a uma silabação. E este também é um fenômeno que não pode ser ignorado. Silabar é destacar as unidades da fala. Portanto, é um apoio que a criança toma/faz sobre o lingüístico.

Dessa forma, podemos concluir que, neste caso, não há prevalência do referente ou uma escrita baseada no extralingüístico.

Nesse ponto, quando o aparato de Ferreiro não nos oferecia condições plenas para a análise, procuramos nos acerrar de outras formulações oriundas da Psicolingüística e da Lingüística. Nesse sentido, poderíamos dizer que tudo o que a observação das garatuhas nas produções de D nos levou a pensar é que a questão da escrita se dá por ela mesma, é uma questão que acontece independentemente do referente.

Num certo ponto da análise dos nossos dados, mais precisamente a partir da atividade 06 e daí para frente de 07 a 19, verificamos que as mudanças que ocorrem na escrita infantil poderiam também ser consideradas sob um outro ponto de vista distinto do de Ferreiro. Foi quando nos valem da proposta teórica de Bosco.

Entre os dados que recolhemos, existe um – a atividade 06 – que ocupou um lugar de destaque porque nos revelou dois aspectos extremamente importantes.

Por um lado, pôs em evidência alguns movimentos que se dão para que a escrita infantil, no sentido convencional, constitua-se. Este dado vai mostrar o que pode ser chamado “jogar com as letras do próprio nome”. Movimentos são possíveis, por exemplo, uma migração de parte da forma escrita do nome da criança para a escrita de uma outra palavra.

Nesse sentido, observemos a escrita ALÉBRA para cobra. Alguém, observando de fora, poderia ter a ilusão de que D teria acertado o nome do animal, escrevendo uma parte daquilo que consta da escrita da palavra COBRA. Poderia levantar a hipótese de reconhecimento de uma identidade sonora percebida pela criança, que já reconheceria que uma seqüência de sons pode ser representada na escrita por uma seqüência de sinais gráficos (ou letras). Dessa forma poderia indagar: Não há neste episódio o reconhecimento de uma correspondência entre pauta gráfica e pauta sonora? Poderíamos até considerar a hipótese. Mas um fato não pode deixar de ser considerado. Na seqüência ALÉBRA temos uma subsequência ÉBRA que pertence ao nome de D (com a ressalva de que no subsegmento que se repete o “O” passa ignorado). Diante disto, cabe a pergunta: Será que não houve *migração* de parte do nome de D para representar o nome de um animal na atividade proposta? Parece que sim. Esta segunda hipótese é melhor do que a primeira. Vejamos por quê. Torna-se um tanto complicado validarmos a primeira hipótese porque não existe dentre os dados dessa criança nenhum outro episódio em que haja uma aproximação entre o que é manifestado em letras e em som. Em outras palavras, não há ainda fonetização. Não é o caso de dizer que a criança já compreendeu que a cada um dos caracteres da escrita corresponde fonemas, ou seja, que ao escrever ela já realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas de que as palavras são compostas.

Quais são os dados em que nos apoiamos para sustentar com segurança tal afirmação?

Poderíamos nos valer de dois aspectos:

- 1) um externo ao dado;
- 2) outro interno a ele.

Quanto ao primeiro aspecto, sabe-se que D a esta altura não destina uma mesma letra a palavras que contenham um mesmo som, como, por exemplo:

pato
gato
mato

Quanto ao segundo aspecto, se observarmos melhor a escrita ALÉBRA para COBRA, veremos que o BRA é precedido de um E acentuado e que ÉBRA faz parte

da escrita do nome dessa criança. O resultado final ALÉBRA parece ser uma composição em que a criança se serve da maioria do repertório das letras fornecidas pela escrita do seu nome.

Um ponto importante a destacar é que, além das características acima evidenciadas que justificam a escrita produzida por D, encontramos no verso de uma outra atividade a escrita do seu próprio nome assim realizada: DÉBRA.

Em virtude dessas evidências, podemos dizer que a coincidência do final BRA (na escrita para COBRA) é apenas fortuita, casual.

O trabalho realizado por D ao jogar com letras do seu próprio nome é bastante instigante e merece ser abordado por vários ângulos. Vejamos o que encontramos em Ferreiro e depois em Bosco. De antemão poderíamos considerar a atividade 06 como uma atividade de produção em que aparecem ocorrências relevantes para a investigação do processo de aquisição da escrita por essa criança. Ferreiro postula que em muitos casos o nome próprio cumpre uma função muito especial na psicogênese da escrita. Para nós, a escrita de D neste episódio pode ser considerada um desses casos. Essa forma de escrever outras palavras jogando com as letras do próprio nome é um fenômeno que já foi constatado por Ferreiro. Mas esta autora se limita a reconhecer que tal fenômeno se dá (o “jogar com as letras do próprio nome”). É preciso ir mais além e mostrar *como* se dá este jogo. Neste ponto julgo importante incluir a proposta de Bosco naquilo que pode contribuir para a interpretação deste dado.

Levando para a atividade 06 as idéias desta autora, poder-se-ia dizer que se trata de um deslizamento, efeito da linguagem sobre a escrita da criança numa atividade de escrita que não é a de seu próprio nome. Vê-se deslizar da escrita do próprio nome um bloco, a preencher uma cadeia significativa, que se apresenta como sendo outra escrita, a do nome de um animal.

Tal fato acontece na escrita da criança, mas não procede de um sujeito cognoscente. Um sujeito agente. Pelo contrário, é um sujeito afetado pela linguagem, sofrendo os efeitos dela. Neste ponto somos levados a aceitar que a análise de Bosco, por se desembaraçar do pressuposto de um sujeito cognoscente, pode oferecer uma interpretação mais completa e adequada do fenômeno.

A pesquisadora considera que os textos escritos apresentados para a criança parecem produzir efeitos sobre as produções infantis, seja oral ou seja escrita apontando não para um conhecimento do objeto escrita, mas para movimentos interpretativos da criança e do outro (Bosco, 1999, p.50).

O nosso principal argumento para insistir em relação ao jogo efetivo com as letras do próprio nome realizado por D para escrever ALÉBRA é o que está antes de BRA; observe-se que se trata de um É acentuado, tal qual se encontra no próprio nome de D. Isto nos leva a supor que o segmento a ser estudado neste episódio é ÉBRA e não BRA. Trata-se de um bloco deslocado da escrita do próprio nome da criança para uma nova palavra.

Este dado nos conduziu a explorar outros dados do corpus de D, levando-nos a lugares que nos revelam diversas alterações apresentadas para a letra “O” no interior da escrita do próprio nome. Tais achados fazem parte de atividades rotineiras da sala de aula, que foram realizadas dos 4.9.17 aos 5.0.18, perfazendo um período de três meses.

O vazio, a forma gráfica variável, enfim, as mudanças apresentadas por D no local pertencente à letra O no seu próprio nome - DÉBORA – constituem indícios de um evento singular, a ser tratado por nós. A relevância teórica atribuída a dados singulares em estudos de aquisição da escrita é preocupação clara em Abaurre et alii (1997). A autora acredita que os dados da escrita inicial, por sua freqüente singularidade, são importantes indícios do processo geral através do qual se vai continuamente constituindo e modificando a complexa relação entre o sujeito e a linguagem (op. cit., p.15).

Considerando a importância desses dados buscamos encontrar uma interpretação que explicasse as alterações apresentadas por D quanto à forma gráfica da letra O em seu próprio nome.

O nome próprio tem sido considerado como um elemento importante para o início da aquisição da escrita. Encontramos considerável trabalho em Ferreiro & Teberosky, em Bosco, entre outros.

O nome próprio, além de ser uma das primeiras formas de escrita dotada de estabilidade, é uma escrita que norteia as escritas posteriores e, para Ferreiro, um lugar no qual a criança enfrenta conflitos e tenta resolvê-los.

No conjunto das atividades realizadas por D, tivemos a oportunidade de verificar as mudanças para grafar a letra O.

Estas variam, como foi possível observar a partir da análise dos dados, em diferentes proporções e pelo preenchimento ou não do interior da forma gráfica. Para maiores discussões remetemos o leitor às páginas 91 a 109 de Barbosa (2000).

Os diversos tipos de alterações para a forma gráfica da letra “O” na escrita do próprio nome realizada por D leva-nos a perceber que, num percurso de indiferenciação entre letra e desenho, a forma gráfica de um desenho pode ganhar o valor de letra, no momento em que se insere numa cadeia de letras.

O vaivém de formas gráficas para a letra “O” que se dá na forma escrita do nome de D deixa-nos mais próximos da aceitação da hipótese indiferenciada entre letra e desenho. E mais distante de uma formulação fundada na noção de sujeito cognoscente, associada à hipótese de Ferreiro. É inegável que o “O” tem, na história da aquisição da escrita por esse sujeito, um estatuto especial. Por ser um elemento que carrega tanto a forma de desenho quanto a de letra. Ele é a sede das alterações. É o lugar de desestabilização. Nossos dados não permitem chegar a contemplar o final do processo de aquisição da escrita que é a fonetização, mas eles mostram uma outra coisa igualmente importante. Eles mostram momentos da escrita inicial de uma criança, estão presentes: as garatujas, “o jogar com as letras do próprio nome”, e a relação entre desenho e letra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques et alii. (1997). *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas, SP: Associação de Leitura do Brasil (ALB); Mercado de Letras.
- _____. Língua oral, língua escrita: interessam, à lingüística, os dados da aquisição da representação escrita da linguagem? *Anais do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina*, IEL/Unicamp.
- ALVES, Maria Freire. (1993). *Passos e (des)compassos da alfabetização*. Goiânia, UFG.
- BOSCO, Zelma Regina. (1999). *No jogo dos significantes, a infância da letra*. Tese de mestrado, IEL/Unicamp.
- BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. (1992). *Leitura e alfabetização – da concepção mecanicista à sociopsicolingüística*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. (1997). *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione.
- _____. (1998). A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO (org), *Alfabetização e letramento*.
- CALIL, Eduardo. *Ao sabor dos títulos: uma releitura lingüística –discursiva da noção de coerência*.
- CARDOSO, B. & TEBEROSKY, A. (1993). *Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita*; co-edição Vozes e editora da Unicamp.
- CAUDURO, Maria de Lourdes Fernandes. *Erros na fala infantil*. Dissertação de mestrado em Letras/UFRS.
- FERREIRO, Emília. (1985/88/95). *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez e Autores Associados.
- _____. (1989). *Los hijos del analfabetismo – propuestas para la alfabetización escolar em América Latina* (coord.) México: Siglo Veintiuno Editores.
- _____. (1990). “A escrita... antes das letras”. In: SINCLAIR, H. *A produção de notações na criança*. São Paulo, Cortez.
- _____. (1985/98). *Alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez.
- _____. (1992/99). *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez.
- _____; GOMES PALÁCIO e colaboradores. (1982). *Análisis de las perturbaciones en el proceso de aprendizaje de la lecto-escritura*. Fascículos 1, 2, 3, 4 e 5. México: SEP-OEA.
- _____. & PALÁCIO, M.G. (1982/87/90). *Os processos de leitura e escrita – novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. & TEBEROSKY, A. (1979/85/91). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. (1985). *Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança*. Tese de doutorado IEL/Unicamp.
- _____. (1995a). Erro e enigma em aquisição da linguagem. In: *Letras de hoje*, nº 102 – dezembro, Porto Alegre.
- _____. (1995b). A palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas invocações lexicais da fala de duas crianças. *Revista Trabalhos em lingüística aplicada*, Unicamp.
- _____. (1996). O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In: CASTRO, Maria Fausta Pereira de (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Unicamp.
- _____. (1998). Os lineamentos das conjugações verbais na fala da criança: Multidirecionalidade do erro e heterogeneidade lingüística. *Letras de Hoje*, vol. 33, nº 2, pp. 73-80, EDIPUC - RS.

- _____. (1999). A aquisição dos verbos prefixados por DES em português. *Revista PaLavra*, nº 5, org. Margarida Basílio, pp. 120-211.
- _____. (2000). L' Acquisition du paradigme verbale du portugais. Les multiples directions des fautes, in *Psycholinguistique au Brésil*. CALAP, 20 (org. Hudelot & Melo), pp. 45-64, Paris, França.
- GALLO, Leda Solange. (1995). *Discurso da escrita e ensino*. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (1995). *Texto. Como apre(e)nder essa matéria? Análise discursiva do texto na escola*. Tese de doutorado, IEL/Unicamp.
- GINSBURG, C. (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. F. Carotti (trad.) São Paulo, Companhia das Letras.
- GUIRAUD, Pierre. (1983). *A Semiologia*. Lisboa, Presença.
- KATO, Mary Aizawa. (org.). (1988). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas, SP: Pontes.
- LEMOS, Claudia Tereza Guimarães de. (1982). Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado original). *Boletim da Abralin*, 3. Recife, Ed. Universitária, UFP.
- _____. Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança. *Substrato/Artes Médicas* vol. 1, nº 03.
- LIER – DE VITTO, Maria Francisca & FONSECA, Suzana Carielo. (1997). “Reformulação” ou “ressignificação”. *Cadernos de estudos lingüísticos nº 33*, Campinas, Unicamp.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. (1996). *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. (1988). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, E.P.U.
- MALDONADE, Irani Rodrigues. (1995). Aquisição de verbos com alternância vocálica. In: *Letras de Hoje* nº 102 – Dezembro, Porto Alegre.
- MOTTA, Sônia. (1995). *O quebra cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita*. Tese de doutorado PUC/SP.
- _____. (1995). Alfabetização: uma construção de representações? In: *Cadernos a Educação*. nº 03. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação: Goiânia.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. (1996). *A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense.
- PADILHA, Anna Maria L. *Todo problema é mesmo um problema?*
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. (1992). *Aprendendo a argumentar. Um momento no processo de construção da linguagem*. Campinas/Educamp.
- _____. (1995). Ainda a negação: questões sobre a interpretação. *Cadernos de Estudos Linguísticos* nº 29, IEL/UNICAMP.
- _____. (org.). (1996). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas-SP: Editora da Unicamp.
- _____. (1998). Língua materna: palavra e silêncio na aquisição da linguagem. In: Junqueira Filho, L.C. (org.) *Silêncios e luzes: sobre a experiência psicológica do vazio e da forma*.
- ROJO, Roxane (org.). (1998). *Alfabetização e letramento*. Campinas/ SP: Mercado das Letras.

- SAUSSURE, F. (1974). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- SINCLAIR, H. (org.). (1990). *A produção de notações na criança. Linguagem, números, ritmos e melodias*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- SMOLKA, A.L.B. (1996). *A criança na fase inicial da escrita - a alfabetização como processo discursivo*. São Paulo: Cortez e Unicamp.
- TEBEROSKY, Ana. (1991). *Psicopedagogia da língua escrita*. São Paulo: Unicamp – Trajetória cultural.
- TFOUNI, Leda Verdiani. (1997). *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez.
- VYGOTSKY, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Pontes.